

A CRÍTICA DE TITO LUCRÉCIO CARO ÀS SUPERSTIÇÕES RELIGIOSAS NO POEMA *DE RERUM NATURA*

José Carlos Silva de Almeida¹

Resumo: O presente artigo expõe a crítica do poeta Tito Lucrecio Caro às superstições religiosas do povo romano no poema *De rerum natura*, assim como a proposta de superação delas por meio da correta compreensão da natureza das coisas e dos deuses, à luz dos ensinamentos de Epicuro. Ao final desse percurso, aquele que seguir a doutrina do Filósofo do Jardim, será, conforme propusera Lucrecio, capaz de alcançar a tranquilidade da alma e a vida feliz.

Palavras-Chave: Lucrecio, Religião, Superstição, Natureza, Deuses, Epicuro.

Abstract: This article presents the criticizes of poet Titus Lucretius Carus to religious superstitions of the roman people in the poem *De rerum natura*, as well as the proposal for overcoming them through the correct understanding of the nature of the things and the gods, in the light of the teachings of Epicurus. At the end of this course, that to follow the doctrine of the Philosopher of the Garden, as proposed by Lucretius, able to achieve the peace of the soul and the happy life.

Keywords: Lucretius, Religion, Superstition, Nature, Gods, Epicurus.

Introdução

As informações a respeito da biografia de Tito Lucrecio Caro à nossa disposição são escassas e controversas: nada sabemos sobre o seu lugar de nascimento e do seu ambiente formativo, nem nos chegam em auxílio indícios presentes no interior de sua obra, o *De rerum natura* (*Da natureza*). Se Lucrecio é epicurista realmente, tal adesão se esconde dentro do texto do poema, possivelmente em acordo com o preceito do mestre: “vive escondido”.

A nossa fonte mais importante é São Jerônimo (347-419 d.C.) que traduziu o *Chronicon* de Eusébio (260-339 d.C.), integrando-o com notícias sobre vários autores latinos extraídas do *De poetis* de Suetônio: no ano da 171ª Olimpíada, isto é, no ano 93-94 a.C., ele informa que “nasce o poeta Tito Lucrecio, que em seguida, enlouquecido pelo efeito de um filtro de amor, após ter escrito alguns livros nos intervalos de lucidez

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Antonianum - Roma (2005). Professor do Curso de Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará - UFC. E-mail: jcdafilosofia@hotmail.com.

da loucura, que depois Cícero reviu para a publicação, se matou pelas próprias mãos na idade de 44 anos”. Dessa forma a data da morte se coloca em torno do ano 50 a.C.

É possível que a informação sobre a “loucura” do poeta, nascida em um ambiente cristão do 4º século, se refira não a uma loucura no sentido de uma patologia, mas sim a sua loucura filosófica materialista, negadora da imortalidade da alma.

O silêncio das fontes e o retrato apresentado por São Jerônimo contribuíram decisivamente para a difusão da imagem de um poeta solitário, angustiado e maldito tanto na literatura quanto na crítica moderna (Bórgia e Petrarca). É certo que não se pode negar a insistência de Lucrécio sobre apavorantes imagens de destruição e de morte, unidas a um oposto reconhecimento da majestade e da infinita beleza da natureza: basta observar o exórdio do luminoso “Hino a Vênus” no primeiro livro do *De rerum natura* e a peste de Atenas no final da obra. Porém o seu potente realismo ao colher o desfazer corpóreo, do microcosmo e do macrocosmo, do homem e do universo responde a uma necessidade psicacógica, terapêutica, inscrita no gênero didascálico da obra: Lucrécio conduz o seu leitor a confrontar-se com a fisicalidade da morte ao trazer à luz os seus piores medos, a fim de poder dominá-los com a força iluminadora da razão.

O envolvimento de Lucrécio com a vida cultural e social de Roma encontra confirmação indireta na dedicatória da obra a Caio Mêmio, o mesmo que, na qualidade de pretor, trouxe consigo para a Bitínia (56-57 a.C.) um grupo de intelectuais, entre os quais se encontrava Catulo e Cina, oradores e amantes da literatura grega. Nos livros I, II e V, talvez os mais antigos, Lucrécio invoca o destinatário nove vezes, mas nos livros restantes a sua figura desaparece, talvez pela ruína política de Mêmio, acusado de intriga e que se autoexilou em Atenas no ano 52 a.C.

A dedicatória não responde portanto a uma pura convenção literária, mas o poeta se dirige a Mêmio com a ânsia do docente que deseja levá-lo a superar a desconfiança em relação ao epicurismo e a convertê-lo. Lucrécio lhe apresenta os seus ensinamentos filosóficos como sendo “presentes”, não fins em si mesmo, mas destinados a proporcionar uma vantagem real (*Da natureza*, I, 50-53).

Para Lucrécio o epicurismo foi uma experiência de vida totalizante e ele quis se fazer porta-voz de tal ensinamento: a natureza, as suas leis, a formação dos mundos, o perpétuo movimento dos átomos, o nascimento e a morte das coisas, os fenômenos do céu e da terra, o homem (parte da natureza, mas munido de racionalidade), a exaltação

da paz e da fraternidade humana inspiraram a composição do *De rerum natura*, cujo título retoma aquele da obra mais vasta de Epicuro, o *Peri physeos*, hoje perdido.

O poema é composto de seis livros e é articulado em três pares de livros fortemente conexos entre eles (díades): os livros ímpares contêm as premissas teóricas para a compreensão dos fenômenos que são tratados nos livros pares imediatamente seguintes. A primeira díade é dedicada aos átomos, à física (I-II); a segunda à alma, à antropologia (III-IV), a terceira ao mundo, à cosmologia (V-VI). Por sua vez cada livro compreende um proêmio, uma transição (que retoma o assunto abordado anteriormente), a abordagem específica da matéria e um final. Todos os livros ímpares assim como o último (I, III, V, VI) contêm uma celebração dos méritos de Epicuro.

O poema não teve uma última revisão da parte do autor, como demonstram as repetições e incongruências no texto. Em particular falta a abordagem sobre a substância dos deuses e das suas moradas, previamente anunciadas pelo próprio poeta (*Da natureza* V, 155), razão pela qual se pensou que esse deveria ser o verdadeiro fim sereno, em correspondência com o alegre exórdio do “Hino a Vênus” e não com o sombrio final da peste de Atenas. Ainda que seja uma obra incompleta, parece provável que Lucrécio queira contrapor o hino inicial à vida com o conclusivo triunfo da morte a fim de demonstrar a inconciliabilidade entre eles. Guiado pelo seu mestre, Lucrécio se convence na primeira díade que todo o mundo obedece às leis da natureza, na segunda que nada deve ser temido, na terceira, com um clímax ascendente, deverá compreender que nem mesmo os eventos extraordinários, cataclismos e catástrofes cósmicas ou humanas deverão ser para ele fonte de temor. Aquele que souber permanecer sem perturbação diante das apavorantes visões do livro final, terá então aprendido as lições de Epicuro.

3

Críticas de Lucrécio às superstições religiosas no poema *De rerum natura*

O primeiro dos seis livros do poema *De rerum natura* de Tito Caro Lucrécio (99-55 a.C.) inicia-se com o famoso “Hino a Vênus”,² a deusa que é, ao mesmo tempo, a progenitora dos romanos e do prazer universal.

Ó mãe dos Enéadas, prazer dos homens e dos deuses, ó Venus criadora, que por sob os astros errantes povoa o navegado mar e as terras férteis em searas, por teu intermédio se concebe todo o gênero de seres vivos e,

² Cf. LUCRÉCIO. *Da natureza* I, 1-43. Utilizaremos a tradução de Agostinho da Silva publicado na coleção “Os Pensadores”.

nascendo, contempla a luz do sol: por isso de ti fogem os ventos, ó deusa; de ti, mal tu chegas, se afastam as nuvens do céu; e a ti oferece a terra diligente as suaves flores, para ti sorriem os plainos do mar e o céu em paz resplandece inundado de luz.³

O poeta invoca a deusa Vênus⁴ a fim de ajudá-lo na exposição da doutrina de Epicuro e para que abrande o deus Marte, parando as atrocidades da guerra, com provável alusão aos conflitos internos em Roma, naquela época: os tumultos de Catilina, a ação política violenta de Clódio e os conflitos civis.

Visto que sozinha vais governando a natureza e que, sem ti, nada surge nas divinas margens da luz e nada se faz de amável e alegre, eu te procuro, ó deusa, para que me ajudes a escrever o poema que, sobre a natureza das coisas, tento compor para nosso Mêmio, a quem tu, ó deusa, sempre quiseste conceder todas as qualidades, para que excedesse aos outros. Dá pois a meus versos, ó Vênus divina, teu perpétuo encanto.

Faze, entretanto, que, por mares e por terras, tranquilos se aplaquem os feros trabalhos militares; só tu podes obter para os mortais a branda paz, visto que é Marte, o senhor das armas, quem ordena esses feros trabalhos de guerra, e é ele quem muitas vezes se reclina em teu seio, vencido pela eterna ferida do amor, e, erguendo os olhos para ti, inclinando para trás a nuca roliça, fica deitado como que suspenso de teus lábios e apascenta de amor seus olhos ávidos. E tu, ó deusa, enquanto ele repousa, enlaça-o com teu corpo sagrado, solta dos lábios tuas doces palavras e pede para os romanos, ó cheia de glória, a plácida paz. Efetivamente, nesta época terrível para a pátria, nem eu posso com serenidade realizar o meu trabalho nem o ilustre descendente dos Mêmios iria, em tais circunstâncias, faltar à salvação comum.⁵

A partir da leitura do “Hino a Vênus” podemos colocar em evidência diversos aspectos: a invocação – costumeira ao início de um poema épico – celebra a deusa que é por excelência depositária da paz (valor cardeal da filosofia epicureia), símbolo do prazer (*voluptas*) como aspiração filosófica, personificação da força fecundadora da natureza e do princípio vital, oposta a Marte, símbolo da morte.

Por outro lado é preciso considerar a consciência “retórica” da escolha de Lucrécio, que, no exórdio do poema, põe em cena as figuras divinas da tradição poética e, em particular, uma deusa muito querida pelos romanos como Vênus, a mítica progenitora deles, para tranquilizar e tornar benévolo, atento e dócil o leitor romano desconfiado em relação à mensagem epicurista e sua teologia, que concebe o mundo dos homens e aquele dos deuses como reciprocamente estranhos.

O “Hino a Vênus”, que se encerra com a dedicatória a Mêmio, servindo de modelo para a obra, insere-se propositadamente na base do tradicional hino proemial.

³ LUCRÉCIO. *Da natureza* I, 1-9.

⁴ Para um estudo acerca da figura da deusa Vênus e suas significações no ambiente romano observe-se o artigo do Prof. Miguel Spinelli intitulado “Lucrécio e Virgílio – As Várias Faces de Vênus: musa, genitora e vulgívaga” in *Revista Hypnos*, São Paulo, n° 23, 2° semestre de 2009, p. 258-277.

⁵ LUCRÉCIO. *Da natureza* I, 23-42.

Além de tudo, dedica à verdadeira doutrina ouvidos livres e espírito sagaz, afastado de todos os cuidados, para que, mesmo antes de as entender, não ponhas de lado, com desprezo, as minhas dádivas, para ti preparadas com fiel diligência. Vou começar a expor-te a essência do céu e dos deuses, e revelar-te-ei os princípios das coisas, donde as cria a natureza e as faz crescer e as alimenta, e para onde de novo as leva a mesma natureza, já exaustas; a estes princípios, na exposição da doutrina, damos nós habitualmente o nome de matéria, de corpos geradores e de sementes das coisas; e até lhes chamamos corpos primordiais, porque deles, como princípio, tudo surge.⁶

Todavia a narrativa lucreciana apresenta um caráter bem diverso dos poemas épicos tradicionais, visto que, no lugar das narrativas de guerra e dos feitos dos heróis, Lucrécio elege um objetivo didático: expor aos seus concidadãos a natureza do universo e a condição do homem, que poderá ser feliz se aprender a reconhecer as próprias condições e aceitar com serenidade os limites do ser mortal.

Da *Ilíada* em diante, o poema narrativo se propõe a exprimir os valores fundamentais de uma comunidade. Assim Homero, invocada a Musa, havia expressado os ideais da sociedade arcaica grega, que procurava buscar a honra, e Ênio, lembrando a história romana desde as suas origens míticas aos tempos da expansão no Mediterrâneo, havia celebrado os ideais civis e militares da aristocracia republicana, sobretudo dos grupos filo helênicos aos quais era mais próximo. Lucrécio pretende realizar algo diferente, ainda que dentro das regras fixadas pelo gênero: ele deseja fornecer aos seus leitores um fundamento ético, inspirado na doutrina de Epicuro, através da qual possam orientar-se. Porém, a nova doutrina é introduzida por meio da estrutura inicial tradicional, que prescrevia a invocação à divindade. A passagem para a parte expositiva aparece de outra forma, a saber, com o elogio a Epicuro, o fundador da escola.

Quando a vida humana, ante quem a olhava, jazia miseravelmente por terra, oprimida por uma pesada religião, cuja cabeça, mostrando-se do alto dos céus, ameaçava os mortais com seu horrível aspecto, quem primeiro ousou levantar contra ela os olhos e resistir-lhe foi um grego, um grego que nem a fama dos deuses, nem os raios, nem o céu com seu ruído ameaçador, puderam dominar; antes mais lhe excitaram a coragem de espírito e o levaram a desejar ser o primeiro que forçasse as bem fechadas portas da natureza. Mas triunfou para além das flamejantes muralhas do mundo, percorreu com o pensamento e o espírito, o todo imenso, para voltar vitorioso e ensinar-nos o que não pode nascer e, finalmente, o poder limitado que tem cada coisa, e as leis que existem e o termo que firme e alto se nos apresenta. E assim, a religião é por sua vez derrubada e calcada aos pés, e a nós a vitória nos eleva até os céus.⁷

⁶ LUCRÉCIO. *Da natureza* I, 50-60.

⁷ LUCRÉCIO. *Da natureza* I, 62-79.

Lucrécio, dirigindo-se diretamente a Mêmio, pretende, pois, se defender das acusações de impiedade dirigidas frequentemente às doutrinas de Epicuro: as críticas à religião não são ímpias. Todavia, a atitude defensiva de Lucrécio é logo seguida por uma reação ofensiva. Agora é ele quem parte para o ataque: “Temo, porém, que por acaso julgues que penetras em elementos ímpios de doutrina e te metes pela senda do crime. Pelo contrário: na maior parte das vezes foi exatamente a religião que produziu feitos criminosos e ímpios.”⁸ Muito mais ímpias e perversas, afirma o poeta romano, são os ritos tradicionais que uma falsa religião impôs aos homens, e de maneira particular os delitos que foram cometidos em seu nome, como exemplifica bem a narrativa mitológica acerca de Ifigênia.

O episódio mítico do sacrifício de Ifigênia, a filha de Agamenon imolada em conformidade com as profecias do adivinho, é tomado por Lucrécio como exemplo da absurda sujeição dos povos e reis aos grilhões da superstição religiosa, que os faz realizar as ações mais insanas.

Foi assim que em Áulida os melhores chefes gregos, escol de varões, macularam vergonhosamente com o sangue de Ifianassa o altar da virginal Trívia. Quando a faixa enrolada à volta da virgínea cabeleira caiu por igual de um lado e outro do rosto; quando viu o triste pai, de pé diante do altar, e junto dele os sacerdotes que dissimulavam o ferro, e os cidadãos que, ao contemplá-la, rompiam em choros – então, emudecendo de horror, vergou os joelhos e deixou-se cair por terra. E em nada podia valer à infeliz, em tal momento, ter sido a primeira a dar ao rei o nome de pai. Foi levantada pelas mãos dos homens e arrastada para os altares, toda a tremer, não para que pudesse, cumpridos os ritos sagrados, ser acompanhada por claro himeneu, mas para, criminosamente virgem, no tempo em que deveria casar-se, sucumbir, triste vítima imolada pelo pai, a fim de garantir à frota uma largada feliz e fausta. A tão grandes males pode a religião persuadir.⁹

Ifigênia deveria ser sacrificada porque o adivinho Calcante, consultado sobre as causas do mar agitado, que impedia a partida da frota para Troia, havia vaticinado o seguinte: as tempestades mostravam a ira da deusa Ártemis, que, irritada com a morte de um veado sagrado, morto por Agamenon, reclamava uma justa reparação.

O mito conhecia duas versões: na primeira, Ifigênia é morta; na segunda, ao contrário, é substituída prodigiosamente por um veado no último momento e transportada à terra dos Táuridas, onde se torna sacerdotisa de Ártemis. Compreende-se bem o porquê de Lucrécio ter seguido a primeira das duas versões, pois necessitava de um forte argumento para denunciar os excessos inspirados por uma adesão cega à religião.

⁸ LUCRÉCIO. *Da natureza* I, 80-82.

⁹ LUCRÉCIO. *Da natureza* I, 82-101.

O propósito de Lucrécio, presente não apenas no livro I do *De rerum natura*, mas também ao longo de todo o poema, é afastar o povo romano da superstição que a religião propicia e libertá-lo da repressão exercida por ela, pois a considera um fator de opressão do povo, pesando sobre ele e o ameaçando, para mantê-lo sob seu jugo. Mas como chegar então a tal intento emancipatório? Para tal é preciso lançar mão dos ensinamentos de Epicuro. A doutrina do Filósofo do Jardim poderá ajudar o povo romano a se libertar dos medos e temores impostos pela religião e pelas superstições através da compreensão da verdadeira natureza do mundo e dos deuses:

Exatamente como trêmulos meninos que tudo receiam nas obscuras trevas, assim nós tememos à luz do dia o que em nada é mais de recear do que as fantasias que atemorizam os meninos no escuro. E a este terror do espírito e a estas trevas não afastam nem os raios do Sol, nem os luminosos dardos do dia, nem os luminosos dardos do dia: só o fazem o estudo da natureza e suas leis.¹⁰

Aqueles que abraçam a doutrina de Epicuro conseguem compreender as leis da natureza, pelas quais todas as coisas acontecem, bem como os seus alcances e limites. Todavia há aqueles que decidem voltar-se para a religião e continuam a acreditar no terrível poder dos deuses, cultivando tão somente receios e temores.

De fato, aqueles que aprenderam que os deuses levam vida sossegada procuram, no entanto, saber por que lei tudo acontece, sobretudo no que diz respeito àquelas coisas que se veem acima da cabeça, nas regiões etéreas. E lá voltam às antigas religiões e fazem intervir senhores terríveis que os pobres julgam ter todos os poderes, porque não sabem o que pode e o que não pode existir e o poder limitado que tem cada uma das coisas segundo uma lei fixa marcada por limites rígidos.¹¹

O medo que o povo alimenta em relação ao poder dos deuses é resultado da ignorância em relação às verdadeiras causas dos fenômenos. Diante desta situação, Lucrécio crê que seja objetivo do poema *De rerum natura* esclarecer que a origem das coisas independe da intervenção dos deuses.

Ora, é preciso que afugentem este temor e estas trevas do espírito, não os raios do Sol nem os dardos lúcidos do dia, mas o espetáculo da natureza e as suas leis. E, para início, tomaremos como base que não há coisa alguma que tenha jamais surgido do nada por qualquer ação divina. De fato, o terror oprime todos os mortais, apenas porque vêem operar-se no céu e na terra muitas coisas de que não podem de nenhum modo perceber as causas, e cuja origem atribuem a um poder dos deuses. Assim, logo que assentemos em que nada se pode criar do nada, veremos mais claramente o nosso objetivo, e donde podem nascer as coisas e de que modo pode tudo acontecer sem a intervenção dos deuses.¹²

¹⁰ LUCRÉCIO. *Da natureza* II, 55-61.

¹¹ LUCRÉCIO. *Da natureza* V, 84-91.

¹² LUCRÉCIO. *Da natureza* I, 147-157.

Para Lucrécio, os deuses não tiveram nenhuma participação na criação do universo, mesmo se movidos por um sentimento de benevolência à humanidade. A natureza é que é sim o princípio e o fim de tudo o que existe, inclusive dos próprios deuses. Postular algo diferente disto é apenas um sinal de loucura:

Dizer ainda que foi por causa dos homens que eles quiseram preparar a maravilhosa natureza do mundo e que, por conseguinte, convém louvar a louvável obra dos deuses e julgá-la eterna e imortal; dizer que não é lícito abalar jamais nos seus fundamentos, seja qual for a razão, ou atacá-la com palavras ou derrubá-la inteiramente, apenas porque foi fundada para a raça humana e por toda a eternidade pela antiga sabedoria dos deuses; imaginar outras coisas deste gênero e vir apresentá-las é, ó Mêmio, perfeita loucura.¹³

Lucrécio postula ainda no livro V que se os deuses são perfeitos não haveria motivo pelo qual tivessem criado o mundo com o intuito de serem adorados ou para que os homens dessem provas de gratidão. Não haveria razão para os deuses deixarem a condição de existência deles e passarem a se importar com a raça humana que vive em um mundo assinalado por tanta maldade e imperfeição.

Para criar seria preciso que houvesse um modelo, porém, como os deuses não possuem nenhum modelo de homem e de mundo, não poderiam tê-los criado, a não ser que a própria natureza fornecesse esse modelo, tornando-se, pois, a origem de todas as coisas:

Depois, para gerar as coisas tem de haver um modelo; donde tiraram os deuses a primeira ideia de homens, para saberem o que desejavam fazer e o verem claramente no espírito? De que modo reconhecerem eles a força dos princípios e a possibilidade de lhes trocarem a disposição, se a própria natureza lhes não tivesse dado o modelo que haviam de criar?¹⁴

Ao mesmo tempo em que nega qualquer ação divina na criação do universo, Lucrécio recusa o determinismo não só dos desígnios do destino, mas também da vontade divina sobre a conduta humana, assinalando a importância da liberdade. Nenhuma vontade divina pode, pois, colocar-se acima da vontade humana, dirigindo os atos humanos individuais. O ser humano é que, guiado única e exclusivamente pela força de sua vontade e deliberações, pode alterar seu movimento como e quando o seu espírito assim o desejar. Na verdade, a única força capaz de refrear a vontade humana e de impor-lhe um limite, inclusive para as suas ações, é a força da natureza com suas leis.

Sobre os deuses, Lucrécio afirma que a natureza deles é muito sutil e inteiramente diferente daquela proposta pela religião. Como eles não são alcançados

¹³ LUCRÉCIO. *Da natureza* V, 155-165.

¹⁴ LUCRÉCIO. *Da natureza* V, 181-186.

pelos nossos sentidos, não podem ser tocados pelas nossas mãos, nem podem nos tocar. Ademais, o local em que residem se encontra fora do nosso mundo e suas moradas devem ser delicadas como seu corpo:

Do mesmo modo, é impossível acreditar estejam as sagradas mansões dos deuses colocadas em qualquer parte do mundo. Efetivamente é sutil a natureza dos deuses e muito afastada de nossos sentidos: até difícil de perceber com o espírito; ora, como foge ao contato e ao toque das mãos, também não pode tocar nada daquilo que para nós é tátil. De fato, aquilo que em si próprio não pode ser tocado também não pode tocar. Por isso as mansões deles devem ser diferentes das nossas casas e delicadas como seu corpo.¹⁵

Sendo eternos e vivendo numa paz inalterável, os deuses não são tocados pela ira, não padecem de nenhuma dor, nem podem ser ameaçados pelos perigos. Permanecem inteiramente distantes da vida dos seres humanos, não necessitando de nós, nem se envolvendo ou se sensibilizando com nossos sofrimentos ou nossas preces. E eles não interferem na natureza porque as leis naturais e espontâneas são as únicas responsáveis por tudo aquilo que ocorre no universo, mas também porque, passando toda a eternidade em repouso, não haveria motivo algum para que o interrompessem subitamente:

Se retiveres tudo isso, já bem conhecido, logo a natureza te aparece como livre, isenta de senhores soberbos e realizando tudo espontaneamente, sem qualquer participação dos deuses. De fato – e pelo sagrado coração dos deuses, que em paz tranquila passam um plácido tempo e uma vida serena! -, quem poderia ter mãos bastante firmes para manejar as fortes rédeas do infinito, quem poderia fazer girar harmoniosos todos os céus, aquecer com fogos etéreos todas as terras fertilizadas, em todos os lugares, em todos os tempos achar-se sempre pronto a fazer trevas com as nuvens, a abalar com o trovão os espaços serenos do céu, depois enviar os raios e abater muitas vezes o seu próprio templo, e, retirando-se para os desertos, lançar furiosamente o dardo que muitas vezes passa além dos maus e tira a vida aos que o não merecem, aos que não são culpados?¹⁶

Além disso, Lucrécio recusa não somente a ideia de uma intervenção dos deuses no despertar do amor e do desejo, como também nega a interferência divina na fecundidade ou na esterilidade:

Não são os poderes divinos que recusam seja a quem for a semente genital, de modo que nunca lhe chamem pai os filhos queridos e passe o tempo de vida com uma Vênus estéril; muitos, porém, pensam assim e, cheios de tristeza, inundam os altares de abundante sangue, perfumam as aras com suas dádivas, para que, por semente abundante, engravidem as esposas. Mas é em vão que fatigam os deuses e os oráculos.¹⁷

¹⁵ LUCRÉCIO. *Da natureza* V, 146-155.

¹⁶ LUCRÉCIO. *Da natureza* II, 1090-1104.

¹⁷ LUCRÉCIO. *Da natureza* IV, 1232-1240.

A crença na possibilidade de vida depois da morte e a possibilidade de retorno dos espíritos dos mortos, sobretudo dos antepassados, ao mundo dos vivos com o intuito de aterrorizá-los é outro aspecto criticado por Lucrécio. Se os indivíduos conhecessem os ensinamentos do Filósofo do Jardim, não se deixariam amedrontar pela visão dos simulacros de objetos. Tais simulacros são descritos por Lucrécio como películas que saem das superfícies dos objetos e voam pelo ar indo ao encontro das pessoas, que os confundem com os espíritos dos mortos:

[...] ora, não vamos acreditar que as almas fogem do Aqueronte ou que espectros voejam entre vivos, ou que alguma coisa de nós pode ficar depois da morte, visto que o corpo e a substância da alma, aniquilados ao mesmo tempo, se dispersam nos seus elementos respectivos.¹⁸

A existência de espíritos que possam vir amedrontar os vivos se torna impossível, pois o espírito e a alma só podem sobreviver ligados a um corpo, e a um corpo humano vivo, em razão do fato de que somente no corpo humano parece haver um lugar determinado no qual a alma e o espírito possam habitar:

De fato, é preciso não supor que todo o corpo possa conter a substância do espírito e a inteligência, assim como não pode uma árvore subsistir no ar, nem as nuvens nos salgados plainos, nem viver os peixes pelos campos, nem haver sangue na madeira, nem haver sumo nas pedras. Está marcado e determinado o lugar em que cada coisa possa crescer e habitar.

Assim, a substância do espírito não pode surgir sozinha sem o corpo nem pode estar afastada dos nervos e do sangue. Se, efetivamente, o pudesse, muito antes a própria força da alma poderia residir na cabeça ou nos ombros ou nas extremidades dos calcanhares e nascer em qualquer parte do corpo, visto que no fim ficaria no mesmo homem e no mesmo vaso.

Ora, como parece haver no nosso corpo um lugar certo e determinado onde podem residir e crescer por si o espírito e a alma, é esta mais uma razão para negar que possam viver fora do corpo e numa forma viva, quer nas friáveis glebas da terra, quer no fogo do sol, quer na água, quer nas altas regiões do ar. Todos estes corpos não contêm qualquer sensibilidade divina, visto que nem sequer podem ser animados por uma alma.¹⁹

Outro fator que é produtor e mantenedor de superstições para Lucrécio é a crença na existência de monstros e de seres fabulosos, combatida firmemente no Livro II, por não admitir a possibilidade de que os elementos da matéria possam combinar-se de qualquer maneira, pois os corpos são criados a partir de germes determinados e de determinada mãe e, quando crescem, conservam suas características específicas:

Não se deve, porém, aceitar que os elementos se possam juntar de todas as maneiras. De outro modo, ver-se-ia por toda parte nascerem monstros, existirem espécies de homens semiferas, brotarem às vezes ramos de um corpo vivo, unirem-se membros de animais terrestres e marinhos e até apresentar a natureza, pelas terras de tudo produtoras, quimeras que exalassesse chamas das tetricas goelas.

¹⁸ LUCRÉCIO. *Da natureza* IV, 40-45.

¹⁹ LUCRÉCIO. *Da natureza* V, 127-145.

Ora, é manifesto que nada disto sucede, visto que todos os corpos criados a partir de germes determinados e de determinada mãe conservam, segundo vemos, ao crescer, os caracteres específicos.²⁰

Lucrécio critica a formalidade da religião romana, na qual o importante era a observância do modo correto de realizar os rituais e não as atitudes e condutas morais daquele que crê, tão apreciadas pelo epicurismo:

Não é piedade alguma mostrar-se muitas vezes aproximando-se velado duma pedra e a correr a todos os altares e deitar-se prostrado no solo e abrir as mãos diante dos templos dos deuses ou espargir os altares com muito sangue de quadrúpedes ou atar votos aos votos: o que vale é poder olhar tudo com um espírito pacífico.²¹

Por fim, Lucrécio postula que o avanço do poder da religião resulta, dentre outros fatores, do temor que o povo sente da morte e do que pode ocorrer depois dela. No poema *De Rerum Natura* a morte é apresentada como o problema fundamental a ser enfrentado pelo ser humano e como a origem de seus sofrimentos. Todavia, a morte é considerada por Lucrécio como um acontecimento natural, dentro do conjunto de acontecimentos naturais que incidem no universo. E, conforme as leis da natureza, tudo é mortal, tudo o que existe está, de modo inexorável, destinado a perecer, pelo menos em consequência do transcorrer do tempo:

[...] não vê também como as pedras são vencidas pelo tempo, como tombam em ruínas as altas torres e apodrecem os rochedos, e se abrem fatigados os templos e as estátuas dos deuses e não pode a santa divindade recuar as fronteiras do destino e bater-se contra as leis da natureza?²²

11

Conclusão

Portanto, a partir de suas ponderações e críticas acerca da religião, Lucrécio procura levar os princípios da filosofia de Epicuro ao povo romano, com o objetivo de libertá-lo dos seus medos e das suas superstições, e auxiliá-lo a alcançar a tranquilidade da alma e a vida feliz.

Referências Bibliográficas

GIGANDET, A. & MOREL P.-M. **Ler Epicuro e os Epicuristas**. Tradução Edson Bini. São Paulo: Loyola, 2011.

²⁰ LUCRÉCIO. *Da natureza* II, 700-710.

²¹ LUCRÉCIO. *Da natureza* V, 1199-1204.

²² LUCRÉCIO. *Da natureza* V, 307-310.

LUCRÉCIO. **Da natureza**. Tradução e notas de Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 21-135.

MUNRO, H. A. J. (Ed.). **Titī Lucretī Cari De Rerum Natura – Libri Sex**. Cambridge University Press, 2009, 2 vols.

RÜPKE, Jörg (Ed.). **A Companion to Roman Religion**. London: Blackwell Publishing, 2007.

SEDLEY, David (Ed.). **The Cambridge Companion to Greek and Roman Philosophy**. Cambridge University Press, 2004.

SPINELLI, Miguel. **Os Caminhos de Epicuro**. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. Lucrécio e Virgílio – As Várias Faces de Vênus: musa, genitora e vulgívaga. In: **Revista Hypnos**, São Paulo, nº 23, 2º semestre de 2009, p. 258-277. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/hypnos/article/viewFile/4215/2846>. Acesso 02/06/2014.